

O MUNDO TODO AQUI

TAINÁ FALCÃO
ESPECIAL PARA O CORREIO

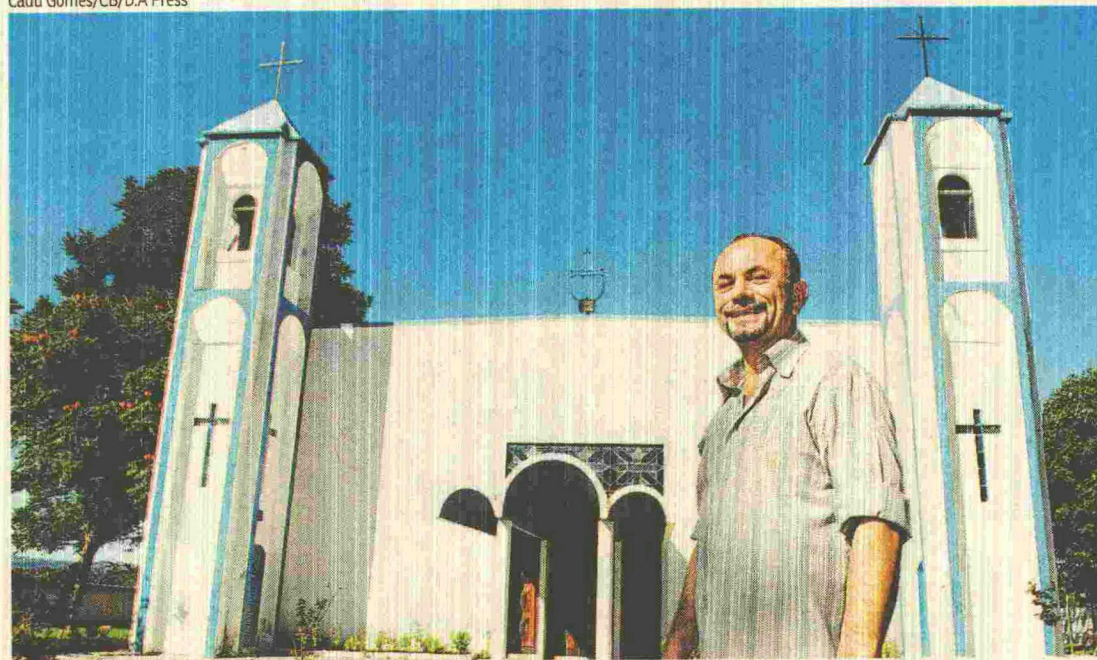
Brasília é um cenário em constante transformação. As diversas línguas, gírias e sotaques que circulam na capital permitem que a cidade represente não apenas um pouco de cada canto do Brasil, mas vários lugares do mundo. Indefinível e mutante, a capital atrai não apenas brasileiros de outros estados, mas estrangeiros que buscam no país descoberto por Cabral algo além de praias e carnaval.

Caso de Nicolas Fotopoulos, 43 anos. A convite do governo da Grécia, em 2004, ele veio para Brasília com o objetivo de ensinar sua língua materna a crianças e jovens de famílias gregas. Para fugir do frio e da neve que o acompanhavam no país de origem, Fotopoulos recusou uma proposta de emprego na Austrália e decidiu viver no Brasil. Ao chegar ao aeroporto de Brasília, ainda vestido com roupas de frio e casaco de couro, o professor assustou-se com o calor que fazia na cidade. “Nossa, que lugar quente!”, pensou Nicolas ao pisar na cidade pela primeira vez.

Não apenas o clima e a exuberante arquitetura da capital brasileira seduziram Nicolas. O professor, que já pediu extensão do contrato de emprego até 2011, argumenta que a limpeza e a organização são detalhes que o fizeram gostar ainda mais da cidade. “Tenho um relacionamento amoroso com Brasília. Eu acho que esta é uma cidade linda, maravilhosa. Além de ser arborizada, é organizada e limpa. Eu não trocaria Brasília pelo Rio de Janeiro. Tudo bem que o Rio é bonito, mas Brasília também é muito linda”, elogia.

Desde que chegou por essas bandas, com apenas poucas palavras em português no vocabulário, Nicolas lembra que foi surpreendido pela receptividade dos brasilienses: “A impressão que eu tive,

Cadu Gomes/CB/D.A Press



O grego Fotopoulos não esconde o que mais chamou a atenção nos brasilienses: a receptividade

OS ESTRANGEIROS

A CAPITAL NÃO É SÓ DOS BRASILEIROS. BRASÍLIA TAMBÉM É FORMADA POR PESSOAS DE OUTROS PAÍSES, QUE SE ENCANTAM COM A DIVERSIDADE CULTURAL DA CIDADE

OLHEI ESSA BELA E FUTURÍSTICA ARQUITETURA E PENSEI: É QUASE COMO SE ALGUÉM DE OUTRO PLANETA TIVESSE CONSTRUÍDO ESSA CIDADE”

YOKO ONO, ARTISTA PLÁSTICA

desde o começo, foi de que o brasiliense é hospitaleiro e receptivo. Ao contrário do que outros brasileiros pensam, os brasilienses não são pessoas fechadas”, conta, contrariando o lugar-comum.

Embora admire os cidadãos da capital, o professor também se orgulha do esforço dos gregos para manter a cultura daquele país em Brasília. “É de admirar o esforço que os gregos têm feito aqui. Nós [gregos] passamos por todas as dificuldades com o povo brasileiro. Conseguimos conservar a cultura e, com a criação da comunidade grega, divulgá-la durante 45 anos por aqui”.

Uma maneira de observar a diversidade cultural em Brasília é caminhar pela enorme área dedicada às embaixadas. No local, pessoas de diferentes países se esbarram quase diariamente. A moda e a arquitetura das casas traduzem os costumes de estrangeiros moradores da região. Mas a variedade cultural na capital não se limita apenas à região das embaixadas. Por meio de entidades formadas por pessoas do mesmo país, como o Instituto de Aprendizagem de Cultura Árabe, na Asa Norte, os estrangeiros espalham-se pela cidade.

Entre crianças e adolescentes, a troca de costumes ocorre em escolas bilíngues. A Escola das Nações, por exemplo, educa jovens de 35 nacionalidades. Filha de diplomata, a estudante de Cabo Verde

Débora Pereira, 15 anos, já morou em cinco países e sempre conviveu com estrangeiros. Para Débora, que estuda no colégio há quatro anos, o convívio com pessoas de outras nacionalidades contribui para a formação profissional do jovem: “Eu acho que o convívio com jovens de outras nacionalidades serve não apenas para aprender sobre outras culturas, mas para aprender outras línguas também. Hoje em dia, o mercado exige que [o profissional] saiba outras línguas, além do idioma de origem”.

INDIANO

Natural da movimentada Nova Délhi, o indiano Amit Shukla, 31 anos, mudou-se para Brasília em julho de 2009 para trabalhar na embaixada da Índia. Desde então, ele se esforça para aprender português, já que apenas poucas pessoas que conheceu na cidade sabem falar o inglês ou sua língua natal. O indiano admite que, embora não tenha conhecido muitos brasilienses que saibam outro idioma além do português, admira a hospitalidade dos moradores: “As pessoas em Brasília são muito, muito agradáveis. Pessoas que não entendem minha língua tentaram me ajudar e isso já aconteceu várias vezes comigo. Eu realmente gosto da natureza útil do povo brasileiro”.

Há apenas oito meses no Brasil, Amit encontrou lugares que o fazem se sentir tão confortável quanto em casa. Ainda assim, ele admite que alguns aspectos deixam a capital mais agradável do que a cidade natal: “Alguns dos locais, como o Pontão do Lago fazem com que eu me sinta em casa. Mas, definitivamente, Brasília é menos poluída e menos ruidosa do que Nova Délhi”.

Para saber mais

A variedade cultural é um detalhe que contribui para diferenciar Brasília de outras cidades brasileiras. Mas o número de estrangeiros no Distrito Federal ainda não é tão significativo quanto parece. A última pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre o tema revelou que, em 2008, a capital era formada por 2,526 milhões de pessoas, sendo 11 mil estrangeiros, o que equivale a apenas 0,43% da população — o resultado é pouco relevante, se comparado à aparente reunião de estrangeiros em embaixadas e escolas bilíngues. Mas o número é maior que a porcentagem nacional. Dos quase 190 milhões de brasileiros, até 2008, apenas 704 mil eram estrangeiros, ou seja, 0,37% da população. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro concentram o maior número de cidadãos de outros países. Até 2008, a população do Rio de Janeiro era formada por 120 mil estrangeiros e São Paulo abrigava 344 mil pessoas nascidas fora do Brasil.